

O lugar social da leitura: análise crítica de uma crônica jornalística

The social place of reading: critical analysis of a journalistic chronicle

Micheline Mattedi Tomazi*

Raquelli Natale**

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar a construção da representação social de um "Flanelinha leitor" em uma crônica jornalística veiculada pelo jornal A Gazeta, à luz do aparato teórico e metodológico dos Estudos Críticos do Discurso (ECD), de van Dijk (2003, 2010), e dos estudos sobre letramento de Kleiman (2008), Martins (2004) e Gnerre (1991). Partimos do pressuposto de que o texto jornalístico, construído a partir da estratégia de polarização global e das escolhas lexicais dissemina uma ideologia grafocêntrica em nossa sociedade. Os resultados da análise evidenciam que a crônica jornalística, como prática discursiva e ideológica, atua na reprodução das ideologias das elites simbólicas, provocando uma crença comum que com o tempo se naturaliza e se transforma numa verdade hegemônica sobre o lugar da leitura em nossa sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Representação social. Estudos Críticos do Discurso. Leitura. Minorias sociais.

ABSTRACT: The aims of this paper is to analyze the construction of social representation keeper cars on a journalistic chronicle conveyed by the newspaper A Gazeta, according theoretical and methodological apparatus of Critical Discourse Studies (CDS), by van Dijk (2003, 2010), and studies of literacy by Kleiman (2008),

* Doutorado em Estudos linguísticos pela Universidade Federal Fluminense. Professora Adjunta 2 do Departamento de Línguas e Letras na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), professora permanente no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/UFES), pesquisadora e líder do Grupo de Estudos sobre Discurso Midiático (GEDIM/UFES) e pesquisadora do Grupo de Estudos sobre a Articulação do Discurso (GEArtD/UFMG), michelinetomazi@gmail.com

** Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Espírito (UFES), bolsista CAPES, membro do Grupo de Estudos sobre Discurso Midiático (GEDIM/UFES) e membro do Grupo de Estudos sobre a Articulação do Discurso (GEArtD/UFMG), raquellinatale@gmail.com

Martins (2004) and Gnerre (1991). We assume that the journalistic text, constructed from the strategy of global polarization and lexical choices operates on dissemination of an ideology "grafocêntrica" in our society. The analysis results show that the journalistic chronicle, as ideological and discursive practice, acts in the reproduction of ideologies of symbolic elites, leading to a common belief that with time it naturalizes and becomes a hegemonic truth about the place of the reading in our society.

KEYWORDS: Social representation. Critical Discourse Analysis. Reading. Social minorities.

Primeiras considerações

Em um país como o Brasil, que apresenta um índice muito elevado de analfabetismo, o fato de um guardador de carros possuir o hábito de leitura pode não só causar espanto, mas também revelar preconceito, uma vez que ainda persiste entre nós a concepção de que as minorias sociais não têm condições de aprender as práticas de leitura e escrita, devendo, pois, aceitar que são a mão de obra barata do país e que não podem ascender socialmente, restando-lhes o não-lugar ou o lugar dos que estão às margens em nossa pirâmide social.

Essa constatação foi ponto de partida para a proposta deste artigo que procura analisar, a partir do referencial teórico e metodológico dos Estudos Críticos do Discurso (ECD), de van Dijk (2003, 2010), e dos estudos sobre letramento de Kleiman (2008), Martins (2004) e Gnerre (1991), a construção da representação social de um guardador de carros em uma crônica jornalística veiculada no jornal A Gazeta, em 7 de dezembro de 2011.

O texto, intitulado "O flanelinha leitor", chamou-nos a atenção por narrar a história de Lindomar, um guardador de carros, que também é um leitor assíduo de livros. Assim, o objetivo deste artigo é analisar como o cronista representa socialmente a imagem do flanelinha a partir das categorias de polarização e escolha lexical.

Por ser um gênero híbrido, a crônica se estrutura na fronteira entre o texto literário e o texto jornalístico. Ao registrar fatos do cotidiano, a crônica jornalística apresenta uma visão particular do cronista ante um fato colhido no dia-a-dia ou no noticiário do jornal apresentando com humor, sensibilidade, ironia e poesia alguns pontos de vista que passam por despercebido na sucessão dos dias. Nesse contexto, a crônica escolhida para análise é entendida como uma crônica jornalística porque foi escrita a partir de um fato do cotidiano: um flanelinha que gosta de ler. Além da crônica, a história real da vida do guardador de carros ganhou destaque novamente em uma reportagem jornalística veiculada também pelo jornal A Gazeta, em 15 de abril de 2012, intitulada "O flanelinha devorador de livros"¹. Embora a história de Lindomar seja apresentada em dois momentos diferentes e em gêneros distintos, o posicionamento do jornal é o mesmo, pois os problemas relacionados à minoria social são naturalizados e o que se coloca em evidência é o "exemplo" de superação social do flanelinha.

Nessa perspectiva, procederemos à análise do artigo da seguinte maneira: no primeiro momento faremos algumas considerações sobre o lugar social da leitura em nossa sociedade e, em seguida, trataremos dos Estudos Críticos do Discurso (ECD) como uma ferramenta para estudar problemas sociais. De posse destas considerações procederemos à análise crítica da crônica para, então, chegarmos às conclusões finais.

A dimensão social da leitura

O conceito de leitura em nossa sociedade é geralmente restrito à decodificação da escrita. Para Martins (2004), saber ler e escrever, desde os gregos e romanos, significava possuir bases de uma educação voltada para a

¹ A análise dessa reportagem pode ser vista em Tomazi (2012).

vida e o desenvolvimento das bases intelectuais e espirituais que possibilitavam ao cidadão integrar-se à sociedade. Contudo, mesmo após séculos de civilização, essas concepções relacionadas à leitura e à escrita ainda existem.

De acordo com Kleiman (1995), a nossa sociedade está envolta no que Graff (1979 apud KLEIMAN, 1995, p.34) denominou "mito do letramento", que consiste na legitimação de uma ideologia que vem sendo produzida há trezentos anos e que confere ao letramento vários efeitos positivos cognitivos e sociais. Nesse sentido, a cultura letrada confere uma importância fundamental ao livro e à prática da leitura, que são tomados como sinônimos de dignidade e inteligência, "daí o hábito de ler livros, em especial, ser mistificado; considerando os letrados os únicos capazes, seja de criar e compreender a linguagem artística, seja de ditar leis, estabelecer normas e valores sociais e culturais" (MARTINS, 2004, p.23).

Diante das situações de desigualdade em nossa sociedade, nem todos têm acesso à leitura e, com isso, a prática dessa atividade é um privilégio das classes mais favorecidas. Para Gnerre (1991), a função central de todas as linguagens é social, pois elas têm um valor real comunicativo, mas excluem da comunicação as pessoas externas ao grupo. Nessa perspectiva, a linguagem tem a função social de reafirmar a identidade do pequeno grupo que tem acesso à língua padrão. Noutros termos, as classes dominantes reafirmam a sua identidade excluindo o acesso à leitura das minorias sociais. Gnerre (1991, p.14) diz que "o poder das palavras é enorme, principalmente o poder de algumas palavras, talvez poucas centenas, que encerram em cada cultura, mais notadamente em sociedades complexas como as nossas, o conjunto de crenças e valores aceitos e codificados pelas classes dominantes".

O agravante desta situação é que, segundo Kleiman (2008), o modelo de letramento comum às classes menos favorecidas atribui o fracasso e a responsabilidade dele aos indivíduos que pertencem ao grande grupo dos mais pobres, reproduzindo o pensamento embasado no discurso ideológico de que

são pobres porque são analfabetos. Nesse sentido, as minorias sociais são apresentadas pela mídia como um exemplo de “superação”, quando conseguem qualquer ascensão da condição fatalista a que são submetidos socialmente, e outras vezes associadas como parte integrante aos problemas sociais de modo que todas as dificuldades enfrentadas por essas pessoas são naturalizadas. A noção de naturalização está relacionada ao estado de coisas criadas pela sociedade, como preconceito, miséria, fome, racismo, homofobia, entre outras, que são tratadas como algo natural ou como o resultado inevitável de acontecimentos naturais.

Para compreender discursivamente a naturalização dos problemas sociais feita pela mídia lançaremos mão dos Estudos Críticos do Discurso (ECD), uma teoria que permite examinar como as estratégias discursivas de dominação influenciam na construção das representações sociais das minorias em nossa sociedade.

Estudos Críticos do Discurso: um instrumento de análise dos problemas sociais

Os ECD possuem um caráter social inovador, pois permitem ao analista engajar-se criticamente em sua pesquisa e construir dinamicamente sua análise a partir de um *corpus* relevante em uma sociedade. Assim, o objeto de estudo dos ECD é a reprodução discursiva do abuso de poder e da desigualdade social, entendendo o texto como unidade mínima de análise. Na proposta de análise crítica de van Dijk (2010), a relação entre estrutura social e a estrutura discursiva não é direta, é mediada pela cognição pessoal e social, por isso a importância de estabelecer relações fundamentais entre um triângulo de conceitos, a saber: o discurso, a cognição e a sociedade. Nesse sentido, interessa-nos estudar as complexas relações entre as práticas discursivas e as

práticas sociais tomando o aspecto cognitivo como interface entre essas duas práticas.

Para van Dijk (2010), a ideologia é uma forma de cognição social. Segundo o autor, “uma ideologia é uma estrutura cognitiva complexa que controla a formação, transformação e aplicação de outros tipos de cognição social, tais como o conhecimento, as opiniões e as posturas, e de representações sociais” (VAN DIJK, 2010, p.48). Essa estrutura ideológica, composta por valores, crenças, ideias, normas, entre outros, é combinada, articulada e aplicada socialmente a fim de favorecer a percepção, interpretação e as práticas sociais que beneficiam os interesses dos grupos dominantes.

Para que a ideologia dos grupos dominantes seja eficaz é necessário que ela seja disseminada e legitimada. Essa reprodução é feita pelas “elites simbólicas” que são jornalistas, escritores, artistas, diretores, acadêmicos e outros grupos que exercem poder na sociedade (BOURDIEU, 1977, 1984; BOURDIEU E PASSERON, 1977, apud VAN DIJK, 2010). Assim, o discurso jornalístico, ideologicamente institucionalizado e legitimado pelo compromisso de informar a população de maneira imparcial, atua na reprodução e dissimulação da ideologia, naturalizando-a no exercício da prática discursiva.

Uma das formas de se reproduzir as ideologias dos grupos dominantes é controlando o acesso. De acordo com van Dijk (2010), quanto menos poder tiver uma pessoa, menor será o seu acesso às diversas formas de escrita e fala. Assim, os grupos mais poderosos controlam ou têm acesso a papéis, gêneros, conteúdos e estilos de discurso.

O discurso dos membros dos grupos dominantes é resultado, então, da escolha de várias estratégias discursivas utilizadas para persuadir a opinião pública. Para van Dijk (2010, p. 14), essas estratégias podem ser:

(...) de um lado, uma entonação especial, as propriedades visuais e sonoras (cor, tipografia, configurações de imagens, música), as estruturas sintáticas (tais como ativas e passivas), a seleção lexical, a semântica de pressuposições ou as descrições de pessoas, as figuras

retóricas ou as estruturas argumentativas e, de outro lado, a seleção de atos de fala específicos, os movimentos de polidez ou as estratégias conversacionais.

Essas estruturas se dão em vários níveis porque estabelecem o quadrado ideológico de polarização de um grupo discursivo encontrado em todos os discursos ideológicos. Van Dijk (2010) assinala que a polarização é uma estratégia global envolvida na reprodução discursiva, por exemplo, racista ou sexista, de dominação que pode ser realizada em várias formas e níveis de discurso. Trata-se de dar ênfase às coisas boas em Nós e ruins nos Outros. Assim, podemos dizer que o discurso ideológico é geralmente organizado por uma estratégia global de “autoapresentação” positiva (Nós) e “outroapresentação” negativa (Eles). Vejamos, abaixo, a proposta do “quadrado ideológico” de acordo com van Dijk:

- | |
|---|
| <ul style="list-style-type: none">• Enfatizar aspectos positivos sobre Nós• Enfatizar aspectos negativos sobre Eles• (Des)enfatizar aspectos negativos sobre Nós• (Des)enfatizar aspectos positivos sobre Eles |
|---|

Quadro 1. Quadrado ideológico². Fonte: van Dijk (2003, p. 44).

Se o reforço dos atributos negativos ou positivos é feito através do uso de estratégias discursivas, podemos dizer que uma escolha lexical pode reforçar características negativas nos Outros e positivas em Nós. É nessa perspectiva que van Dijk (2010) afirma que, se o objetivo geral da manipulação discursiva é o controle das representações sociais compartilhadas por grupos de pessoas, já que essas crenças sociais controlam o que as pessoas fazem e dizem, então, devemos ficar atentos às estratégias discursivas que tipicamente influenciam essas crenças socialmente compartilhadas.

² Tradução nossa.

Em linhas gerais, para van Dijk (2010), as representações sociais são os conhecimentos socioculturais, elaborados e compartilhados socialmente, que nos permitem agir, interagir e comunicar de forma significativa com outros membros da mesma cultura. Ele ainda atribui o caráter cognitivo a essa noção de representação social, uma vez que, se a manipulação discursiva é capaz de controlar as representações sociais compartilhadas, então, a manipulação se centrará na cognição social, ou seja, influenciará na formação e ativação das crenças que possuímos em relação a um determinado grupo, pois “os preconceitos são representações sociais negativas estereotipadas, os argumentos em si podem ser estereotipados e convencionais” (VAN DIJK, 2010, p. 143).

Desse modo, o estudo da influência da mídia a partir dos estudos críticos do discurso “pode intervir na educação discursiva de profissionais e mostrar como os discursos públicos das elites podem influenciar as mentes dos cidadãos e como tal influência exerce um papel na reprodução da estrutura social” (VAN DIJK, 2010, p.34).

Análise da crônica: O flanelinha leitor

Entendemos que a atividade jornalística é fundamentalmente discursiva e dispõe de uma gama de gêneros discursivos. Um deles, a crônica jornalística, escolhida para análise neste artigo, apresenta aspectos particulares de notícias ou fatos cotidianos, de maneira breve, com o intuito de envolver e emocionar o leitor com a história narrada. A seleção do gênero discursivo pela instituição jornalística não é feita de maneira aleatória, pois conforme pontua van Dijk (2003), tal escolha implica selecionar a forma que mais influencia a mente dos indivíduos.

A crônica "O flanelinha leitor", publicada em 07 de dezembro de 2011, pelo jornal A Gazeta³, narra o fato de Lindomar, um guardador de carros, ser um leitor assíduo de livros. Assim, o cotidiano do flanelinha é transportado da realidade vivida para uma realidade enunciada pela cronista, que retrata o fato de Lindomar ler como algo sobrenatural, uma vez que a ideologia que sustenta toda a trama discursiva é a de que um representante dessa minoria social, um guardador de carros, não pode ter o hábito de ler.

O título do texto é formado por um sintagma nominal que já aponta, em nossa leitura, para uma escolha tendenciosa em relação ao grupo social. Ou seja, a expressão "O flanelinha leitor" identifica o sujeito-alvo da enunciação de forma definida, já que o artigo indica que não se trata de qualquer ator social, mas de um ator definido socialmente a partir de seu lugar de informalidade, pois a profissão "flanelinha" não é reconhecida pelas leis trabalhistas. Além de identificar esse ator no rol das profissões não regulamentadas, o enunciador utiliza o vocábulo "leitor" para caracterizá-lo e destacá-lo dentro do seu grupo social como o flanelinha que lê livros, evidenciando ainda mais o fato de que não se trata de qualquer guardador de carros.

É importante ressaltar que essa forma de naturalização, já encontrada no título, não seria comum caso a profissão fosse outra, quer dizer, se o ator social fosse um advogado, médico, engenheiro, neste caso, seria desnecessário dizer que a leitura faz parte do cotidiano dessas pessoas. Assim, se o tema da crônica envolvesse a história de um advogado, dificilmente, encontraríamos a construção "O advogado leitor". Nesse sentido, a análise do título aponta para a estratégia global de polarização na qual encontramos a "autoapresentação" positiva (Nós) das elites simbólicas leitoras e a "outroapresentação" negativa (Eles) da minoria social representada na pessoa do flanelinha.

³ O jornal A Gazeta é um periódico de circulação no estado do Espírito Santo desde 1928 e tem como público-alvo pessoas com maior poder aquisitivo.

No primeiro parágrafo, a história do guardador de carros é narrada por um enunciador que se apresenta no texto em primeira pessoa na voz da própria cronista, que narra um fato de seu cotidiano, que se mistura à história real de Lindomar, já que a ação de sair de casa em busca de um caixa eletrônico para quitar as contas do mês é que faz com que a cronista narre a história de vida do flanelinha aos seus leitores do jornal.

Ao identificar o lugar onde se inicia a narrativa, na passagem “Na calçada da Rua José Teixeira, em frente à Clínica Victor Murad, deparo-me, uma vez mais - e já somam tantas... -, com a imobilidade absorta e concentrada de um lavador de carros: o flanelinha leitor”, o enunciador situa o espaço da narrativa onde encontra frequentemente o guardador de carros e, ainda, o local onde o guardador exerce a sua profissão. É, pois, na calçada da Rua José Teixeira que Lindomar exerce a sua profissão de flanelinha e lê livros e também onde se passa a história narrada. É possível dizer que é nesse duplo espaço geográfico que o enunciador situa o lugar social da leitura dessa minoria, representada pelo flanelinha e, tal ilação, parece corroborar com a questão da função social da linguagem, defendida por Gnerre (1991), que compreende o fato de que a linguagem reafirma a identidade de um pequeno grupo que detém o domínio da linguagem e exclui as minorias que não têm acesso à língua padrão.

No segundo parágrafo, o enunciador traça o perfil do guardador de carros a partir do espaço de onde a narrativa é iniciada, a calçada. Essa caracterização ocorre no seguinte excerto: “Lá está ele, acomodado na cadeira de plástico verde, o boné surrado a cobrir-lhe a cabeça e parte da testa, imerso na leitura de um livro”. Chama-nos atenção o uso do dêitico “lá” que literalmente aponta para o que está distante do enunciador, mas, ao mesmo tempo, próximo o suficiente para que sejam destacados detalhes que caracterizam o ator social. Ou seja, ele está na calçada da Rua José Teixeira, em frente à Clínica Victor Murad, sentado em uma cadeira de plástico verde, com um boné surrado, imóvel, imerso e concentrado na leitura de um livro.

Aqui, chamou-nos atenção o uso do item lexical “acomodado” que pode ser lido de duas maneiras, quer seja no sentido de estar sentado confortavelmente na cadeira, quer seja no sentido de que está ocioso, sentado quando deveria estar trabalhando. Tal escolha lexical pode, então, contribuir para a representação social negativa do flanelinha, o que reforçaria o discurso do senso comum que acredita que este ator social não trabalha e apenas incomoda a população ao cobrar para “vigiar” os carros estacionados em lugares públicos. Contudo, quando o enunciador diz, ao final da frase, que o flanelinha está “imerso na leitura de um livro”, uma característica diferente das percepções compartilhadas socialmente é acrescentada, trata-se do fato de o flanelinha também ser um leitor. Novamente, temos a estratégia de polarização, quando o enunciador descreve o perfil do guardador de carros: o “boné surrado”, sentado na cadeira de plástico, a calçada como o local onde o flanelinha lê, a condição socioeconômica de pobreza, o trabalho informal, o que o difere, segundo Martins (2004), da imagem mistificada que a sociedade tem de um leitor: homem bem vestido, com emprego fixo e que lê em seu escritório sentado em uma cadeira acolchoada.

Em seguida, a narrativa destaca o nome do livro que o flanelinha está lendo: “Um best-seller de Sidney Sheldon”. Tal destaque, em nossa leitura, soa com um viés preconceituoso, uma vez que, no imaginário social da maioria da população brasileira letrada o que vigora é a ideia de que às classes mais pobres, quando leem, são reservados outros tipos de leitura, como os livros de piadas, revistas sobre novelas e não um best-seller.

No parágrafo seguinte, a representação da classe social do guardador de carros é linguisticamente marcada pelo enunciador que se coloca em posição social diferente da do flanelinha: “Rimos no eclodir da instantânea chama de cumplicidade e mágica simpatia que alinhava os amantes dos livros. Independentemente de local ou circunstância. Menos ainda, de sexo, cor, aparência física ou condição socioeconômica”. Essa aproximação, marcada pelo

uso da primeira pessoa do plural, na voz do enunciador, procura mascarar uma realidade social de diferença e distância e não de aproximação. Isso porque fica evidente o uso da estratégia de polarização que aponta para a perspectiva do grupo discursivo grafocêntrico em distinção ao grupo da minoria social do qual o leitor flanelinha faz parte.

Se em um primeiro momento, o leitor é levado a uma percepção positiva entre os dois personagens, a cronista e o flanelinha, uma vez que os itens lexicais escolhidos apontam para a cumplicidade, o amor, a magia e a simpatia, as escolhas linguísticas seguintes direcionam o leitor para outro sentido, já que ao afirmar que a suposta relação positiva entre os personagens está acima de local ou circunstância, sexo, cor, aparência física ou condição socioeconômica, como se a paixão pelos livros pudesse democratizar as diferenças sociais. Essa é mais uma marca da naturalização que busca respaldo no discurso citado intertextualmente, ou seja, no trecho de um poema de Fernando Pessoa, a reforçar o individualismo através do mito narcisístico. Não por acaso, a única coisa positiva em Lindomar é o reflexo do eu pela leitura, um eu que só consegue ver no outro aquilo que é imagem de si no outro. Cumpre, ainda, ressaltar a ironia fina presente neste trecho da crônica que prevê a reação do leitor frente sua posição narcisista em relação ao outro: "Narcisístico, sagaz leitor?... Bem, pode até ser".

As escolhas lexicais que se seguem na crônica indicam como Lindomar consegue administrar a profissão de guardador de carros com a prática da leitura, ressaltando uma visão negativa de sua atitude perante o seu ofício, já que sua atenção fica dividida entre "vigiar" os carros "com um único olho" e ler com o outro olho "preso às páginas de um livro". Entendemos que no suposto diálogo ficcional as escolhas lexicais e sintáticas acabam por construir uma representação negativa da postura de Lindomar diante de sua profissão: "Lindomar conta-me que a profissão possibilita-lhe ler quase o dia inteiro. Óbvio, com as interrupções de praxe: orientar os motoristas que partem e

sinalizar o espaço recém-aberto para novos e potenciais "clientes". Se, por um lado, a lexias podem ser lidas como positivas em relação ao fato de Lindomar ser um leitor assíduo, tendo em vista que a profissão lhe permite ler "quase" o dia inteiro, por outro lado, o fato de interromper a leitura para cumprir com suas obrigações de guardador de carros, isto é, orientar os motoristas, sinalizar vagas para outros clientes, desqualifica o Lindomar em sua profissão de flanelinha que se divide entre trabalhar e ler.

Destacamos, aqui, novamente a ideologia das elites simbólicas, pois, ao mesmo tempo em que a função de guardar carros é descrita como um ofício ela é, em seguida, desqualificada quando o enunciador se refere aos "clientes" entre aspas. Esse discurso é reforçado no enunciado seguinte: "E, ao cair da noite, contabiliza a fêria. Renda variável, dependendo da generosidade da 'clientela". Essa passagem parece evidenciar que a profissão de guardador de carros é irregular, ilegítima, e que, por isso, o sustento de pessoas que estão nessa atividade depende da boa vontade dos outros, ou seja, de "seus clientes".

Não obstante, a narrativa põe em evidência uma discussão que circula em nossa sociedade. Referimo-nos ao fato de que a profissão dos flanelinhas é informal, porém o fato de as pessoas, ao estacionarem em locais públicos, serem praticamente "obrigadas" a pagar ao flanelinha, muitas vezes um valor estipulado por ele, gera insatisfação e inconformismo. Nesse sentido, a ideia de que os motoristas são tratados como "clientes" e que o guardador de carros depende de sua "generosidade" é, no mínimo, questionável, senão irônico. O texto, porém, deixa claro que a renda de Lindomar aproxima-se ou é a mesma que garante a subsistência de um trabalhador assalariado em nosso país. Vemos, pois, mais uma forma de naturalizar um problema social que evidencia a falta de políticas públicas. Assim, a voz do enunciador só pode soar como ironia ao dizer: "Bela profissão, Lindomar! Ler o dia inteiro e, ainda, faturar uns trocados".

Ao final da crônica, o enunciador questiona como Lindomar faz para adquirir seus livros, pois alguém nas suas condições não teria como comprá-los. Como resposta ao questionamento o flanelinha diz: “- Compro, troco com os amigos e os “clientes”, por vezes, me dão os que já leram”. Essa resposta apresenta mais uma vez a condição social inferior do flanelinha, principalmente, quando a cronista, assumindo um tom de falsa modéstia, modaliza seu discurso dizendo que vai “até” presenteá-lo com um de seus livros de crônicas “Quer?... Faça-lhe até uma dedicatória. Se quiser, naturalmente...”

Cumpramos ressaltar que, ao receber a proposta do livro autografado, Lindomar demonstra “surpresa e emoção”. De fato, o que fica claro é que Lindomar é um cidadão pobre que depende da “generosidade da ‘clientela’” para sustentar a sua família na profissão de flanelinha e, também, da mesma generosidade para sustentar o seu amor pela leitura, já que os seus clientes e amigos também lhe doam livros.

Quando a cronista, ao final do texto, reitera a “amizade” com Lindomar e diz que “a paixão pelos livros” enlaça os leitores de todo o mundo, parece esquecer-se de todos os problemas sociais que incorrem sobre as minorias, que estão à espera da “generosidade” das elites simbólicas para poderem ter um trabalho digno e uma educação de qualidade. As condições de leitura de Lindomar, narradas na própria crônica, deixam claro que a paixão pelos livros nutrida por ele é bem diferente da vivida pela cronista e pelas classes dominantes.

Considerações finais

De posse do que foi tratado até aqui, compreendemos que a leitura possui um lugar social estereotipado, sendo, então, destinada a uma pequena parcela da sociedade que pertence ao grupo das elites simbólicas. A partir da análise da crônica, observamos como foi construída a representação social do

leitor flanelinha que é apresentado pelo enunciador como alguém superior aos demais flanelinhas por saber ler, por isso ele ganhou as páginas do jornal. Embora, a crônica apresente o lavador de carros como um herói por ter rompido com o “destino” reservado à maioria dos pobres, a construção da representação social tecida desse ator social é negativa, pois, a todo o momento, as escolhas lexicais apontam para uma dicotomização entre um grupo bem sucedido e outro inferiorizado.

A análise da crônica à luz dos Estudos Críticos do Discurso (ECD) evidenciou que o discurso da crônica jornalística contribui para a construção da representação social negativa das minorias em nossa sociedade, uma vez que o lugar fatalista que essas minorias ocupam face às injustiças sociais é naturalizado e transformado numa verdade hegemônica. Assim, a crônica, construída a partir da estratégia de polarização global, atua na reprodução das ideologias das elites simbólicas.

De fato, os meios de comunicação, ao tratar das minorias sociais, reproduzem a ideologia dos grupos dominantes de que os pobres não leem porque não querem. Essa visão, inevitavelmente excludente, faz parte do cotidiano dos cidadãos que são expostos o tempo todo a notícias, reportagens, crônicas, entre outros vários gêneros jornalísticos, que disseminam e naturalizam os problemas sociais.

Com efeito, a crônica ativa na mente do leitor, não apenas, o sentido almejado, mas, especialmente, noções implícitas de carácter ideológico que reforçam o “mito do letramento” que consiste em atribuir o fracasso e a responsabilidade desse fracasso às minorias sociais que pertencem ao grande grupo dos mais pobres reproduzindo o pensamento embasado no discurso ideológico de que são pobres porque são “acomodados”.

Referências

BILICH, J. O flanelinha leitor. In: *Jornal A Gazeta*. 07 de dezembro de 2012. Disponível

em: < http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2011/12/noticias/a_gazeta/caderno_2_ag/1052197-cronica--o-flanelinha-leitor.html > Acesso em 10 de ago. 2013.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GRAFF, Harvey. *The literacy myth: literacy and social structure in the 19th century*. Nova York, Academic Press, 1979.

KLEIMAN, Angela. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 2008.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

TOMAZI, Micheline Mattedi. *A voz da minoria no espaço discursivo do jornal "A Gazeta"*, 2012. Anais do XXIV da Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste. Disponível em < http://www.gelne.org.br/Site/arquivostrab/751-Comunica%C3%A7%C3%A3o_MichelineMattediTomazi.pdf > Acesso em 30 de set. 2013.

VAN DIJK, Teun Adrianus. *Ideology and discourse: a multidisciplinary introduction*. Madri: Ariel Linguística, 2003.

_____. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2010.

Anexo

O flanelinha leitor

Aproveito a breve estiagem - um tímido olho do Sol abre-se furtivo e pálido - após uma semana de chuvas intermitentes para sair de casa, a pé, em busca de um caixa eletrônico. Quitar as contas do mês. Na calçada da Rua José Teixeira, em frente à Clínica Victor Murad, deparo-me, uma vez mais - e já

somam tantas... -, com a imobilidade absorta e concentrada de um lavador de carros: o flanelinha leitor.

Lá está ele, acomodado na cadeira de plástico verde, o boné surrado a cobri-lhe a cabeça e parte da testa, imerso na leitura de um livro. Perdão, mais um livro. Jamais o vi em atitude diferente, nas minhas recorrentes idas e vindas, quando por ali transito. Mas, hoje, aticou-me a curiosidade de velha repórter, aliada à condição de leitora voraz.

Num átimo, estaco ao lado dele e pergunto-lhe de chofre: - Por favor, o que você está lendo?... Ele levanta os olhos, surpresa alguma a desenhar-lhe o rosto, limitando-se a mostrar-me a capa do livro. Um best-seller de Sidney Sheldon. E solícito, diz: - Ontem, terminei de ler "Nada dura para sempre", do mesmo autor. Gostei muito!

Rimos no eclodir da instantânea chama de cumplicidade e mágica simpatia que alinhava os amantes dos livros. Independentemente de local ou circunstância. Menos ainda, de sexo, cor, aparência física ou condição socioeconômica. Ah... a paixão pelos livros! Identidade. Soberana. Democrático amálgama. Bem versejou Mestre Fernando Pessoa: "Ninguém a outro ama, senão que ama/ O que de si há de si nele ou é suposto// " Narcisístico, sagaz leitor?... Bem, pode até ser. Mas, clichê ou não, simpatia é, sim, quase amor.

E esquecidos das tarefas mútuas - ele de vigiar com um único olho os carros, o outro sempre preso às páginas de um livro, e eu de prosseguir o meu caminho - entabulamos conversação. Lindomar conta-me que a profissão possibilita-lhe ler quase o dia inteiro. Óbvio, com as interrupções de praxe: orientar os motoristas que partem e sinalizar o espaço recém-aberto para novos e potenciais "clientes". Que jamais escasseiam, em razão do volume de veículos que por ali, diariamente, trafega.

E, ao cair da noite, contabiliza a féria. Renda variável, dependendo da generosidade da 'clientela". Modesta, confia-me, mas garante-lhe a subsistência e da família: - Bela profissão, Lindomar! Ler o dia inteiro e, ainda, faturar uns trocados, hein?... Rimos. Lindomar conta-me que só nutre uma secreta ponta de tristeza. Os filhos não gostam de ler. E, ainda menos, a "patroa". Não entendem o prazer que ele encontra em fincar solitariamente os olhos num livro. E segreda-me: - Mas, sem ler eu não fico. Leio até bula de remédio...

- E como faz para adquirir os livros, Lindomar?

- Compro, troco com os amigos e os "clientes", por vezes, me dão os que já leram.

- Uau!... Tive uma ideia, Lindomar. Vou presenteá-lo com o meu livro de crônicas.

Quer?... Faça-lhe até uma dedicatória. Se quiser, naturalmente... Seus olhos marejam-se e Lindomar demonstra surpresa e emoção:

- Puxa Jeanne, eu adoraria! Vai me dar mesmo?...

- Com prazer! Da próxima vez que por aqui passar, dou-lhe o livro, amigo Lindomar.

Despedimo-nos. Afeto e admiração. Recíprocos. Sentimentos partilhados. A caminho do Centro da Praia, relampeja-me uma frase de Proust, que li já não sei onde: "A leitura é uma amizade". Lindomar e eu - aposto - fundamos, hoje, o elo de (mais) uma amizade, que, suspeito, enlaça todos os leitores do mundo. Ah... a paixão pelos livros!